

# Lutero e a experiência do Abscôndito da Cruz

*Luther and the Experience of the Abscondite of the Cross*

Fernando Batista de Campos <sup>[a]</sup> 

São Leopoldo, RS, Brasil

Faculdades EST

Odilon Duffeck <sup>[b]</sup> 

São Leopoldo, RS, Brasil

Faculdades EST

Jéssica Lais Kriese Duffeck <sup>[c]</sup> 

São Leopoldo, RS, Brasil

Faculdades EST

**Como citar:** CAMPOS, Fernando Batista de; DUFFECK, Odilon; DUFFECK, Jéssica Lais Kriese. Lutero e a experiência do Abscôndito da Cruz. *Revista Pistis & Praxis, Teologia e Pastoral*, Curitiba, Editora PUCPRESS, v. 16, n. 01, p. 68-82, jan./abr. 2024. DOI: [doi.org/10.7213/2175-1838.16.001.DS05](http://doi.org/10.7213/2175-1838.16.001.DS05).

## Resumo

No final de abril de 1518, Lutero é convocado à cidade de Heidelberg. Lutero vai direto ao ponto e fala sobre a natureza de Deus e a natureza da criatura humana presa no pecado. Tais afirmações constituíram uma mudança no debate teológico ocidental, bem como a maneira de Deus lidar com o mal e o que significa ser “humano”. A Disputa de Heidelberg é considerada especial tanto histórica quanto teologicamente. Lutero buscou apresentar uma nova estrutura conceitual para pensar sobre Deus e a criatura humana. Ele forneceu uma nova base ou conjunto de pressupostos para proclamar a mensagem do Evangelho. Este artigo aborda o aspecto profundo da teologia da cruz (Theologia Crucis) de Lutero, trazendo à tona sua necessidade de buscar um equilíbrio entre o racional e o existencial na vida cristã.

**Palavras-chave:** Teologia. Cruz. Lutero. Teologia da Cruz. Teologia da Graça.

<sup>[a]</sup> Doutor em Teologia, e-mail: [epiclese@hotmail.com](mailto:epiclese@hotmail.com)

<sup>[b]</sup> Doutorando em Teologia, bolsista CAPES, e-mail: [odilon.duffeck@gmail.com](mailto:odilon.duffeck@gmail.com)

<sup>[c]</sup> Mestre em Teologia, e-mail: [jessikriese@gmail.com](mailto:jessikriese@gmail.com)

## **Abstract**

*At the end of April 1518, Luther was summoned to the city of Heidelberg. Luther gets straight to the point and talks about the nature of God and the nature of the human creature trapped in sin. Such statements constituted a shift in the Western theological debate, as well as God's way of dealing with evil and what it means to be "human". The Heidelberg Dispute is considered special both historically and theologically. Luther sought to present a new conceptual framework for thinking about God and the human creature. He provided a new basis or set of assumptions for proclaiming the Gospel message. This article seeks to address the deep aspect of Luther's theology of the cross (Theologia Crucis), bringing to light his need to seek a balance between the rational and the existential in the Christian life.*

**Keywords:** *Theology. Cross. Luther. Theology of the Cross. Theology of Grace.*

---

## Introdução

No final de abril de 1518, os superiores monásticos de Lutero o convocaram a Heidelberg<sup>1</sup> para se explicar em uma assembleia dos agostinianos alemães. Ele não comentou sobre as questões que o colocaram em problemas com a igreja, sua crítica às indulgências ou seu desafio às autoridades eclesiásticas. Ele foi direto ao ponto e falou sobre a natureza de Deus e a natureza da criatura humana presa no pecado. Suas afirmações sobre esses tópicos constituíram uma mudança no debate teológico, a maneira de Deus lidar com o mal e o que significa ser "humano". As teses de Heidelberg fizeram flutuar diante de seus irmãos de mosteiro uma nova constelação de perspectivas a respeito da descrição bíblico-teológica de Deus e da realidade humana. Lutero chamou essa série de observações baseadas na Bíblia de "teologia da cruz" (*Theologia Crucis*), e mais tarde chamou essa teologia da cruz de a "nossa teologia mais pura teologia" (Lutero, 2003, p. 430).<sup>2</sup> O que ele ofereceu a seus companheiros monges em Heidelberg não foi um tratamento de um ou dois ensinamentos bíblicos específicos. Ele apresentou uma nova estrutura conceitual para pensar sobre Deus e a criatura humana, forneceu uma nova base ou conjunto de pressupostos para proclamar a mensagem do Evangelho.

Lutero encarou a questão em Heidelberg desde uma abordagem do ensinamento cristão a partir de um ângulo significativamente diferente do método teológico de seus predecessores escolásticos. Eles podem ter discordado entre si em uma série de questões, mas todos praticavam uma teologia da glória, de acordo com o professor de Wittenberg. Lutero reclamou uma maneira diferente de pensar – e praticar – a proclamação do Evangelho de Jesus Cristo. Com efeito, mais do que uma proposta de codificação do ensino bíblico, ele conclamou a uma prática no anúncio e na vida dos teólogos da cruz. Coloca-se em discussão neste artigo, portanto, o aspecto profundo da teologia da cruz (*Theologia Crucis*) de Lutero, trazendo à tona sua necessidade de buscar um equilíbrio entre o racional e o existencial na vida cristã.

Os resultados são apresentados em seções e subseções, nas quais, os paradoxos teológicos da Disputa de Heidelberg elucidam o *locus theologicus* do Reformador, que é o estudo da cruz em contraposição com a teologia da glória. O sofrimento de Deus, ressignifica o sofrimento da pessoa humana.

### **Texto-fonte: disputa de heidelberg e paradoxos teológicos**

Os seguidores de Lutero no século XVI raramente falavam sobre sua teologia como uma teologia da cruz e preservaram essa nova orientação na abordagem de tópicos teológicos apenas parcialmente.

---

<sup>1</sup> Heidelberg era uma cidade que servia como capital do território chamado Baixo Palatinado. Juntamente a outras regiões superiores, o Palatinado se constituía em um dos mais importantes territórios do Sacro Império Romano, e seu príncipe era chamado de conde ou eleitor, tendo voto na eleição para o imperador, e podendo também ser eleito. O conde ou eleitor representava interinamente em seu território a figura do imperador. Na época do debate, o príncipe eleitor do Palatinado era Ludwig V (1478-1544), que não dava muita importância para as questões acadêmicas, desde que não saíssem deste ambiente. Já em Wittenberg, o eleitor era Frederico III da Saxônia, que buscava os interesses de seu território e, por isso, não interviu contrariamente às novas ideias que se difundiam por outros acadêmicos e professores, que passavam a pregar a salvação pela fé somente em Cristo abertamente (DREHER, 2013, p. 68-69).

<sup>2</sup> LUTERO, 2003, p. 430.

Eles não tinham as ferramentas intelectuais para a análise de pressupostos e estruturas conceituais concernentes à noção de que Deus sofre. Seu discípulo, Felipe Melanchthon os havia ensinado a pensar em termos de organização de ideias por tópicos, os assim chamados *Loci communes theologici* (Melanchthon, 2018), e eles presumiam que todas as pessoas racionais compartilhariam sua orientação para o material. Eles tinham como certo que a estrutura lógica e teológica interna de seu pensamento seria óbvia para todos. A "teologia da cruz" de Lutero, no entanto, é precisamente uma estrutura projetada para abranger todo o ensino bíblico e orientar o uso de todas as suas partes. Ele emprega a cruz de Cristo como ponto fulcral para entender e apresentar uma ampla gama de tópicos específicos dentro da mensagem bíblica. Em *Loci communes theologici*, de Melanchthon, e em obras semelhantes escritas por seus alunos e por Lutero, o tópico dogmático "cruz" tratava do sofrimento humano, não do sofrimento de Deus na cruz.<sup>3</sup> Assim, a cruz serviu a um propósito muito diferente e menos abrangente do que fornecer o ponto de vista a partir do qual se avalia a revelação de Deus sobre si mesmo, a confiança que define a humanidade nessa revelação, a expiação realizada por meio da morte e ressurreição de Cristo, ou a vida cristã. Em livros dogmáticos luteranos subsequentes, este tópico tratou consistentemente apenas de um aspecto da vida cristã, perseguição e aflições de inúmeros tipos. A própria hinologia de Lutero ressalta essa perspectiva, como diz a quarta estrofe de seu famoso hino "Deus é castelo forte e bom"<sup>4</sup>:

O Verbo eterno vencerá as hostes da maldade.

As armas o Senhor nos dá: Espírito, Verdade.

Se a morte eu sofrer, se os bens eu perder:

que tudo se vá! Jesus conosco está.

Seu Reino é nossa herança!

A teologia da cruz de Lutero se desenvolveu em suas Teses de Heidelberg e em sua grande obra de 1525, *Do servo arbítrio* (Lutero, 1993). Para ele, resumir esta estrutura para a prática de toda teologia deve começar por distingui-la de uma teologia do sofrimento e de uma teologia da glória. Em suas 95 Teses, Lutero já deixava antever a centralidade que a cruz teria em sua abordagem dos próximos anos. Nas últimas quatro teses o tema do sofrimento no seguimento de Cristo é evidente. Ele afirma, em detrimento das indulgências:

92 Fora, pois, com todos esses profetas que dizem ao povo de Cristo: "Paz, paz!" sem que haja paz!

93 Que prosperem todos os profetas que dizem ao povo de Cristo: "Cruz! Cruz!" sem que haja cruz!

<sup>3</sup> A teologia da cruz de Lutero foi analisada de diferentes maneiras, com diferentes acentos, por inúmeros pesquisadores. A nova discussão acerca deste tópico teve início no século XX com LOEWENICH, Walther von. *A Teologia da Cruz de Lutero*. São Leopoldo: Sinodal, 1988, publicado pela primeira vez em alemão em 1929.

<sup>4</sup> LIVRO DE CANTO DA IECLB. *Deus é Castelo Forte e bom*, Martim Lutero. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/conteudo/deus-e-castelo-forte-e-bom>. Acesso em: 24 jan. 2024.

94 Devem-se exortar os cristãos a que se esforcem por seguir a Cristo, seu cabeça, através das penas, da morte e do inferno;

95 e, assim, a que confiem que entrarão no céu antes através de muitas tribulações do que pela segurança da paz (Lutero, 2004, p. 29).

### ***Locus Theologicus de Lutero***

De modo mais articulada, a teologia da cruz – segundo Prenter (Prenter, 1985, p.4) - surge na teologia de Lutero pela primeira vez nas preleções acerca da epístola aos Hebreus de 1518-1519, em específico no comentário a respeito do capítulo 12, no versículo 11: “Nenhuma disciplina parece ser motivo de alegria no momento, mas sim de tristeza. Mais tarde, porém, produz fruto de justiça e paz para aqueles que por ela foram exercitados”. Lutero entende que toda vez que o ser humano busca a Deus de forma racional e direta, ou conforme seus desejos próprios, ele lhe escapará. Para ele, “[...] a real obra de Deus deve ser entendida através de sua obra estranha” (Prenter, 198-, p.5). É nessa condição que o ser humano espreita sondar a Deus, em sua objetividade, em sua dimensão de realidade reificada, isto é, a partir daquilo que aparece ao ser humano como se fosse a realidade em si mesma.

Assim, no meio da vida humana desviada, a lei - como o plano de Deus para o que a vida humana realmente deve ser e realizar - traz a ira de Deus, mata, injúria, acusa, julga e condena tudo o que não está em Cristo, incluindo o mais nobre dos pecadores humanos, de acordo com a Tese 23 da Disputa de Heidelberg: “A lei provoca a ira de Deus, mata, maldiz, acusa, julga e condena tudo o que não está em Cristo” (Lutero, 2004, p. 39). A Tese 23 anuncia categoricamente que, apesar de todo o glorioso aparente, Deus não está interessado na lei. A verdadeira consequência de tal sabedoria é exposta: a lei não opera o amor de Deus, ela opera a ira; não dá vida, conforme a Tese 11 (Lutero, 2004, p. 38). Em suma, a lei condena tudo que não está em Cristo. Parece uma lista ultrajante e altamente ofensiva. No entanto, como indica Lutero, tais conclusões viriam diretamente de Paulo em Gálatas e Romanos. Lutero insiste na tese segundo a qual a sabedoria da lei em si é boa. Simplesmente ela não deve ser usada como meio de ganhar o favor de Deus. E é isso que, segundo o reformador, fazem os teólogos da glória. Eles abusam da lei dessa forma.

Foi no debate de Heidelberg<sup>5</sup> que foi travada a discussão sobre as indulgências, e Lutero contrapôs seus paradoxos teológicos - enquanto uma “teologia da cruz” (*Theologia Crucis*) - à venda de indulgências, ele contrapôs à teologia da glória” (*Theologia Gloriam*), uma “teologia da cruz” (Lutero, 2004, p. 21-29.). Ele chamou assim a tendência teológica que via na pacificação da consciência por um equivalente pecuniário, em contraposição às exigências éticas do compromisso com aqueles que sofrem. A teologia da cruz, compreendida por Lutero, posiciona-se em oposição a uma lógica humana da conquista por meio das obras que glorificava um *status* certo da salvação das almas, garantida pela instituição religiosa da época, a saber, a Cúria Romana (Loewenich, 1987, p. 14).

---

<sup>5</sup> A disputa de Heidelberg ocorreu em 26 de abril de 1518, na qual Lutero presidiu a disputa de abertura do capítulo Agostiniano (MCGRATH, 2007).

Para o reformador, a cruz é sua maneira de fazer teologia. Teologia do Evangelho e Teologia da Cruz não se excluem, mas são como dois lados de uma mesma moeda, este é o *locus theologicus* de Lutero, aprendido de seu amigo e discípulo, Felipe Melanchthon. “O único *locus* autêntico do conhecimento humano de Deus é a cruz de Cristo, na qual Deus se revela, mas na qual ele paradoxalmente se oculta” (Mcgrath, 2014, p. 202). Dito de outra forma, para Lutero a verdadeira glória se manifesta do lado contrário à cruz do calvário. A verdadeira glória está escondida subcontrariamente na cruz. Deste modo, ao aceitar o discurso (texto) da lógica (*logos*) de Deus (*theo*) sobre o sofrimento humano também experimentado por Jesus, ou seja, da teologia paulina acerca do sofrimento da cruz, a pessoa cristã encontra a verdadeira glória de Deus. E do mesmo modo, a pessoa que rejeitar o discurso da cruz, pois sua hediondez é evidente segundo a razão humana, não encontrará a glória, isto é, a salvação. A pessoa que se resignar diante do discurso da cruz, pelo contrário, encontrará a salvação.

De acordo com Lutero, o sujeito da mudança é principalmente o ser humano interior. A transformação não deve dizer respeito apenas ao ser humano exterior, porque a sua renovação envolve apenas uma renovação (*transformatio*) do ser humano interior numa medida muito limitada. O ser humano interior deve ser mudado, porque só assim pode ocorrer uma transformação constante. Isto é o que acontece então, quando o próprio ser humano odeia a si mesmo, quer contra sua própria vontade, entende contra sua própria sabedoria, reconhece o pecado em vez de sua própria justiça, e assim toma sua cruz e assim prova sua mente renovada. Lutero compreende a cruz e a ressurreição em unidade com a nova vida da pessoa cristã, encontrando assim essa conexão em Romanos 6 acerca da doutrina do batismo na morte de Cristo.

Lutero tinha pouco apreço pela escolástica. Também ele, em relação à Páscoa, diz que Deus, quando quis vir a nós, não permaneceu na divindade, mas se fez disponível aos seres humanos na carne, para que pudesse fazer todas as coisas que fez em sua humanidade por causa dos seres humanos. Assim sendo, nesta carne, nesta encarnação, a divindade não ficou ociosa, mas se tornou ativa para a humanidade. É fundamental compreender que – para Lutero - a unidade cristológica do Deus-homem, o Cristo, é ao mesmo tempo o segredo de sua eficácia. Esta, por sua vez, é orientada para a unidade da cruz e da ressurreição. Lutero tem a noção de culpa e pecado no centro de sua teologia, mas ele nunca entende a salvação em termos de uma teoria da expiação. Lutero não parece adotar a teoria da expiação que faz a simples troca entre a vítima imperfeita com a vítima perfeita, isto é, Jesus.

A cruz como expiação do pecado é, ao mesmo tempo, um o começo da nova vida, pois a simples expiação poderia redundar em um novo começo do caminho errado. É por isso que a cruz e a ressurreição não podem ser separadas do ponto de vista da doutrina da reconciliação. A cruz está no meio caminho para a reconciliação, pois Lutero enfatiza o papel acusatório da lei que empurra o ser humano para a cruz, lugar (*topos*) em que a glória se revela em subcontrário aspecto, isto é, no sofrimento de Deus está sua glória, enquanto em sua glória mundana está seu juízo. Ele não atesta que estamos no caminho certo, mas que estamos sob a ira de Deus e lutando contra o pecado. Deus

comissionou a lei para impulsionar o ser humano em direção ao Filho de Deus, não para lhe conceder graça, mas para despertar-lhe o desejo de perdão, que é concedido somente em Jesus Cristo.

## O estudo da Teologia da Cruz

O estudo da teologia da cruz foi introduzido nos cursos de teologia por Lutero que tinha o objetivo ensinar a importância do tema da cruz. Os fundamentos da doutrina da cruz, ou ciência da cruz, como séculos mais tarde chamará o estudo da cruz de Edith Stein<sup>6</sup> (Teresa, 2014), são constituídos pela experiência do sofrimento e da tentação a partir do símbolo da cruz, e, mais especificamente, a economia divina (plano de Deus) do Deus misericordioso que faz esconder a salvação enquanto sabedoria de Deus em Cristo na cruz. É essa perspectiva que Lutero quer enfatizar diante da pregação das indulgências. Ocorrido seis meses depois do episódio das 95 teses<sup>7</sup>, Lutero faz uma distinção entre a fé cristã autêntica com as corrupções medievais, em termos de teologia da cruz e teologia da glória. A igreja medieval, na qual vivia, seguia com a política imperial e a venda de indulgências para a salvação, o degrau da glória, buscando um encontro direto com Deus.

O debate acerca da teologia da cruz surge a partir dos ataques de Lutero a uma perspectiva teológica comum em sua época.

Eis aí o incêndio que, segundo se queixam eles, teria conflagrado o mundo todo, talvez porque se indignam com o fato de que eu, como um único indivíduo, mestre da Teologia por vossa autoridade apostólica, tenho o direito de debater em escola pública, conforme o costume de todas as Universidades e de toda a Igreja, não apenas sobre as indulgências, mas também sobre o poder, a remissão e as indulgências divinas, que são coisas incomparavelmente maiores (Lutero, 2004, p. 61).

Ao afirmar que as teologias que fundamentavam a prática das indulgências, presume algo sobre a glória de Deus e algo sobre a glória do ser humano. Em primeiro lugar, todos os sistemas de teologia medievais procuravam apresentar um Deus cuja glória consistia em cumprir ações desde padrões que o ser humano caído pudesse entender, dando assim a linha de ação para o sucesso divino. Por isso, um Deus que pudesse tornar seu poder conhecido, poderia requerer comportamentos mais adequados quando as pessoas saíssem da linha. Segundo Lutero, teólogos e pregadores medievais queriam um tipo de Deus radical e terrível em seu juízo para exigir que as pessoas estivessem mais próximas de seus próprios padrões e, assim, julgasse seus inimigos. E quem seriam os porta-vozes desse Deus tão rigoroso?

<sup>6</sup> Ao entrar na Ordem das Carmelitas Descalças, adotou o nome religioso de Teresa Benedita da Cruz.

<sup>7</sup> Em 31 de outubro de 1517, como era o costume, Lutero enviou teses anexadas a uma carta para Alberto de Mainz (1490-1545), o Arcebispo de Mainz, para serem discutidas na Universidade de Wittenberg que tratavam do valor das indulgências. O episódio ficou conhecido como o "Debate Para o Esclarecimento do Valor das Indulgências (95 Teses)". No contexto deste debate, a Cúria Romana e seus intermediários patrocinavam a venda de indulgências que chegavam a cobrir por completo a obra salvífica de Jesus na cruz por meio de sua compra juntos aos emissários que atuavam na região próxima a Wittenberg. Chegava-se a dizer que se compradas, tais indulgências garantiriam até mesmo o perdão de parentes mortos, além de garantir o perdão de pecados futuros. O editor da imprensa em Wittenberg, Johann Rhau-Grunenberg (nascido em Mainz - 1525), rapidamente fez traduzir as teses e as espalhou como panfleto, chegando a um notório vendedor de indulgências, Johann Tetzel (1465-1519), que reagiu violentamente e acabou por transformar o debate em uma guerra panfletária, inflamando assim a disputa teológica que acabaria por excluir Lutero da Igreja Católica Romana por excomunhão e fazendo surgir as igrejas do protestantismo (LINDBERG, 2017, p. 120-121).

Para Lutero, os teólogos e pregadores de indulgências estavam assumindo esse lugar de proeminência e, praticando, assim, a dominação em vez do serviço. Eles não entenderam que “dominar sobre” os outros era a maneira “gentia” de exercer o poder, mas não o poder de Deus, que era de outra natureza. Além disso, a partir de sua experiência como estudante de teologia na Universidade de Erfurt, Lutero sugeriu que esses sistemas medievais de exposição bíblica ensinavam uma glória humana, a glória do sucesso humano: primeiro, o sucesso da razão humana que pode capturar quem e o que Deus é, para fins humanos.

Essa glória reivindica o domínio da mente humana em suas investigações sobre assuntos terrenos e a revelação de Deus a respeito de si mesmo. Os teólogos da glória operariam na suposição de que a criação e a história seriam transparentes para o intelecto humano, que se poderia ver por meio do que são feitos e do que acontece no mundo no sentido de perscrutar as coisas invisíveis de Deus, pois eles tentam construir sua imagem de Deus com base em julgamentos humanos, abstrações que tornam universais alguns fragmentos selecionados da experiência humana e colocam as epistemologias humanas a cargo da revelação divina. Lutero busca interditar essa transparência pregada pelos teólogos da glória com sua teologia da cruz. Uma teologia da glória permite que os atos humanos determinem os atos de Deus, pois sua demonstração de misericórdia é determinada pelas ações dos seres humanos. Deus, de acordo com os teólogos e pregadores da glória, estaria condizente com gosto do cliente, no dizer contemporâneo. A pergunta epistemológica acerca de Deus é assunto de fé (Pich, 1991, p. 18), não de razão, pois esta se insinuaria sempre como uma “prostituta do diabo”, entregando-se a quem melhor pagasse (Janz, 1989, p. 47-52). A teologia da cruz é a teologia da fé, enquanto a teologia da glória é a teologia das obras (PICH, 1991, p. 22). Diferente do teólogo da cruz, que diz como as coisas são, o teólogo da glória lida com a lógica medieval da *lectio, oratio e contemplatio*, e evita – ao contrário – a *oratio, meditatio e tentatio*, indica a razão do entendimento da cruz como tribulação. Isso porque a “*tentatio*”, introduzida por Lutero, é a própria tribulação que um teólogo ou teóloga da cruz passa quando busca “dizer as coisas como elas são”.

A teologia da cruz de Lutero não é apenas uma peça central do ensino da Reforma, mas também uma peça de ensino inicial, que é apresentada – inicialmente – na Debate de Heidelberg, no ano de 1518, no seio de um evento anual da ordem agostiniana. O cenário dessa disputa acabará por emoldurar o tempo dos primeiros debates entre o que viria a ficar conhecido, disputas entre católicos e protestantes acerca de temas teológicos. É um período no qual os historiadores se referem a Lutero como “o jovem Lutero”. As suas posições foram movidas a partir de suas teses enviadas para seus colegas agostinianos a respeito da validade das indulgências, e suscitou gradativamente maior envolvimento das figuras universitárias e da igreja, como Johannes Tetzel, um vendedor de indulgências próximo à região de Wittenberg, onde Lutero atuava, e Johannes Eck, um teólogo e frade dominicano, que logo antagonizaria com Lutero e seus adeptos no Debate de Leipzig, em 1519.

Quando Lutero percebeu a dimensão que o debate estava ganhando, e sob violenta rejeição das autoridades eclesiásticas de sua região, ele se voltou para o Papa Leão X com um pedido para poder defender sua posição em uma disputa acadêmica regular. Na disputa de Heidelberg, mais precisamente

em 26 de abril de 1518, na Universidade de Heidelberg. No debate, Lutero apresentou um total de quarenta (40) teses que enfatizava uma teologia baseada exclusivamente na cruz de Cristo. Ele argumenta que o único meio de salvação se dá por meio da cruz, e não das obras que glorificam os seres humanos em detrimento da ação divina. Ele enfatiza isso dizendo:

Certo é que o ser humano deve desesperar totalmente de si mesmo, a fim de tornar-se apto para conseguir a graça de Cristo. Pois a lei quer que o ser humano desespere de si mesmo ao conduzi-lo para o inferno e torna-lo pobre, mostrando-lhe ainda que é pecador em todas as suas obras, como o faz o apóstolo em Rm 2 e 3 ao dizer: “Está demonstrado que todos estamos sob o pecado.” (Rm 3.9) Quem, contudo, faz o que está em si e acredita fazer qualquer coisa de bom, de forma alguma parece a si mesmo um nada, nem desespere de suas forças; pelo contrário: sua presunção e tamanha, que se fia em suas próprias forças para adquirir a graça (Lutero, 2004, p. 49).

As teses de Lutero causam sensação. A disputa anterior sobre indulgências tinha sido sobre práticas bastante óbvias e escandalosas da liderança da igreja: planejamento financeiro, autorretrato hipertrofiado, exploração desumana das pessoas, de modo que, além do reajuste fundamental da compreensão da Bíblia, os argumentos teológicos não precisavam ser excessivamente complexos para serem convincentes. Porém, em Heidelberg, Lutero abre um novo nível de argumentação. Agora ele está preocupado com um fundamento teológico muito mais profundo da diferença entre fé nas obras e a fé unicamente na obra da cruz - e ele consegue convencer imediatamente, especialmente os participantes mais jovens, como Martin Bucer (1491-1551) e Johannes Brenz (1499-1570)<sup>8</sup>. O efeito é enorme, estimulante e inspirador, e estabelece todo o movimento da Reforma em um novo nível. A Disputa de Heidelberg é, portanto, corretamente considerada especial tanto histórica quanto teologicamente. De outro modo, as tratativas do debate acabaram por reforçar a noção acerca da justificação que ocorreu por meio da cruz, como bem afirma Dreher:

A teologia da glória quer que se reconheça a Deus a partir de suas “obras”, no criado. A Escritura, no entanto, nos mostra que os seres humanos abusaram desta possibilidade do conhecimento de Deus. A verdadeira teologia não reconhece Deus em seu poder, mas no sofrimento e na fraqueza, no Cristo crucificado (teses 19 e 20). Estas teses reproduzem a teologia da cruz de Lutero. Esta teologia da cruz nada mais é que outra expressão da doutrina da justificação: Cristo salva o pecador condenado, não o justo. Deus não pode ser encontrado no ser humano, mas apenas na cruz de seu Filho. Tão somente a teologia da cruz vê a realidade e diz as coisas como elas são (tese 21); qualquer outra sabedoria “se envaidece, fica cega e endurecida por completo” (Dreher, 2004, p. 37).

É a partir deste embate que Lutero passará a dar maior importância para a *Theologia Crucis*, logo no início de sua vida como reformador, e ainda envolto pelo ministério sacerdotal, quando Lutero apresenta suas ideias sobre o teólogo da cruz ou o fazer teológico a partir do Crucificado-Ressurreto-Assunto (este último refere-se à Ascensão), pensamento este desenvolvido ao longo de todo seu

<sup>8</sup> Brenz e Bucer se tornaram influentes teólogos protestantes no século XVI. Brenz chegou a publicar um catecismo um ano antes dos de Lutero (BRENZ, Johann. The New Schaff-Herzog Encyclopedia of Religious Knowledge, Vol. II: Basilica – Chambers. In: Christian Classics Ethereal Library. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20110604203413/http://www.ccel.org/ccel/schaff/encyc02.html?term=Brenz,%20Johann>>. Acesso em: 10 jan. 2024).

ministério como pregador e pastor. Lutero, por este padrão, apresenta sua teologia da cruz pela via pulsante da subcontrariedade, isto é, em oposição ao que ele chamava de visibilidade da glória humana. Para o reformador, a teologia da cruz é uma teologia da revelação; o que se revela é que Deus não quer as opressões sacrificiais, tampouco uma realidade cúltica violenta, mas o prevalecer do amor no sofrimento da cruz. “Em suma, a Teologia da Cruz, como proposta teológica que busca superar os abusos da memória, revela a história de uma memória que precisa de perdão e reconciliação com os excessos intransigentes da cristianização” (Souza, 2012, p. 141).

As coisas posteriores e visíveis de Deus são opostas as invisíveis, ou seja, humanidade, debilidade, tolice, ao feito de 1 Cor 1,25, que fala da debilidade e tolice de Deus. Assim, não basta nem adianta a ninguém a conhecer a Deus em glória e majestade se não o conhece também na humildade e na ignomínia da cruz. Portanto, no Cristo crucificado é que estão a verdadeira teologia e o verdadeiro conhecimento de Deus” (Lutero, 2004, p. 49-50)

A glória está revelada subcontrariamente na pessoa serva sofredora! Por isso, nem sempre o sofrimento de alguém que aceita o seguimento de Jesus deverá estar necessariamente vinculado ao puro sofrimento, podendo ser um vaso comunicador da glória de Deus. Da mesma forma, nem sempre a glória de uma pessoa que vivencia o bem-estar, segundo os padrões do século, expressará de fato o desejo de servir ao próximo e sua dignidade, sendo a expressão da miséria humana destituída da graça de Deus (Ngien, 2017. p. 212). Não adianta procurar o Cristo em outro lugar que não seja na cruz do calvário. Em sua teologia da cruz, encontra-se o conceito marcante de que na cruz está oculto o Deus da misericórdia. “O Deus crucificado é o Deus oculto” (Watson, 2005. p. 139). Deus é revelado na cruz de Cristo.

É exatamente assim que Lutero entende a teologia da cruz em contraposição a uma teologia da glória. Esta deseja reconhecer Deus em suas obras, aquela sabe de sua ocultação. A glória de Deus, de suas obras, está oculta sob o seu contrário. Do mesmo modo que o ser humano não pode ser definido com base em suas obras, do mesmo modo que ele é pessoa independentemente delas e só independentemente delas é pessoa, assim também Deus (Leppin; Schneider-Ludorff, 2021, p. 625.).

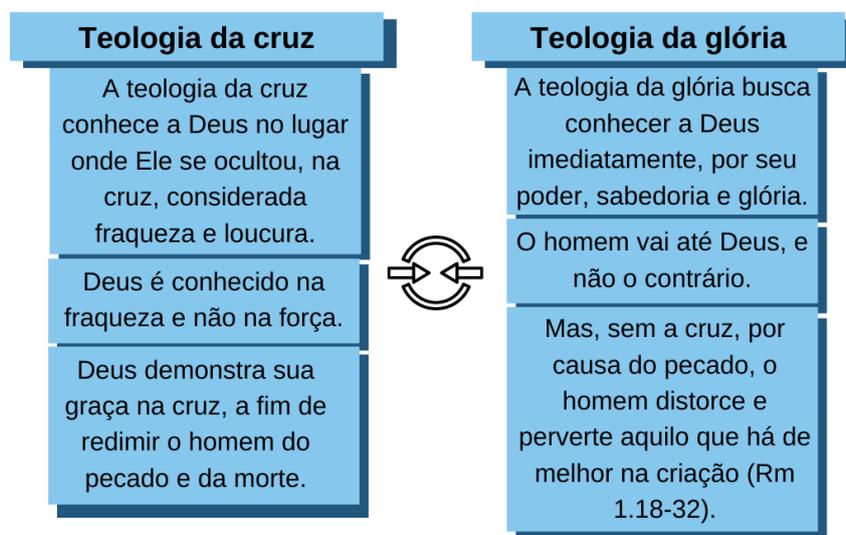
Como dito anteriormente, o debate de Heidelberg foi o marco da teologia da cruz de Lutero, ainda que não estivesse sistematizada, nota-se que Lutero se caracterizou como um teólogo prático, que apresentou a centralidade da cruz na experiência da fé. O debate gira em torno de uma distinção incisiva de Lutero entre “teologia da cruz” e “teologia da glória”: “o teólogo da glória afirma ser bom o que é mau e mau o que é bom: o teólogo da cruz diz as coisas como elas são” (Dicionário de Lutero, 2021, p. 272) Para o debate, Lutero formulou 28 teses teológicas e 12 teses filosóficas. Nas teses teológicas 19 a 22, Lutero afirma que a teologia da glória só reconhece a Deus a partir de suas obras, contrapondo o que nos mostra as Escrituras, pois a verdadeira teologia se reconhece no sofrimento e na fraqueza, No Cristo Crucificado (teses 19 e 20). Estas teses reproduzem a teologia da Cruz de Lutero. Na última tese, 28, Lutero resume sua teologia da cruz: “o amor de Deus não acha, mas cria aquilo que lhe agrada; o amor de do ser humano surge a partir do objeto que lhe agrada.” (Lutero, 2004, p. 36-37).

Com essa contraposição, Lutero rejeitou a validade dos critérios de racionalidade na teologia que, até então, tinham sido retomados no discurso teológico como “criadas” (*ancilla theologiae*) e, assim, o dirigiam e estruturavam. As teses dos debates terminam com um trecho sobre filosofia que, à primeira vista, parece explicar quais poderiam ser esses critérios para o leitor contemporâneo; as frequentes remissões a Aristóteles, por exemplo, representam exemplarmente todos os tipos de construções teológicas especulativas (Leppin; Schneider-Ludorff, 2021, p. 272-273).

## Teologia da Cruz e Teologia da Glória em Lutero

Uma figura comparativa da visão do reformador entre as teologias elencadas, mostrará a visão de Lutero sobre o tema e a necessidade de uma ruptura com a doutrina da justificação vigente na época.

Figura 1 – Comparativo da Teologia da Cruz e Teologia da Glória em Lutero<sup>9</sup>



Fonte: elaborada pelo autor (2024).

A contraposição entre as duas teologias enfatiza uma questão epistemológica fundamental, a fé é a forma pela qual se conhece a Deus; e a fé na Mensagem da Cruz estabelecida na teologia paulina.

Em resumo, pode-se arriscar dizer que o ex monge agostiniano embasou sua pregação do Evangelho e sua ação pastoral sobre uma determinada teoria epistemológica, na qual o conhecimento de Deus se efetiva dentro de uma lógica, que se convencionou chamar de “*sub contraria specie*” (sob aspecto contrário, subcontrariedade). A “*Theologia Crucis*”, neste sentido, é a terminologia utilizada por Lutero que dá expressão a esta forma de se refletir sobre Deus. Por isso, quando procuramos uma resposta acerca de algum tipo de método na Teologia de Lutero, torna-se inevitável que venhamos a nos deparar com esta lógica, designada pelo próprio Reformador de “*Theologia Crucis*” (Tessmann, 1988, p. 12).

A reflexão a respeito dos Salmos (Lutero, 2003, p. 407), entre os anos de 1519 e 1521, é considerada uma tentativa de melhorar os parâmetros da sua abordagem a respeito da cruz depois de sua

<sup>9</sup> Quadro elaborado a partir de BAINTON, Roland H. *Lutero*. 2. ed. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1978; e LUTERO, 1987, p. 35-54.

participação no Debate de Heidelberg, no qual Lutero expôs, de maneira eloquente, a distinção entre a teologia da glória e teologia da cruz. Portanto, a teologia da cruz não é uma teologia de frustração, a pessoa cristã deveria saber como sair do túnel escuro. Lutero não prega que a vida cristã, sob a cruz de Cristo, seja uma vida frustrada, ele prega que a vida cristã vença o sofrimento meramente do corpo destituído de sentido.

Não se pode ver Deus na Cruz, Deus se revela ocultando-se. O termo “Deus abscondito”, para Ngien, significa algo que não está dado à luz do dia, à claridade da racionalidade do humano. Ngien escreve que a teologia da cruz expõe o lado de Lutero pouco visto como pastor, na qual está presente de maneira latente essa percepção acerca de um Deus que se esconde dos poderosos.

Sem a devida compreensão desta maneira de se fazer Teologia em Lutero, é bem provável que caiamos naquela situação do admirador, que vai a uma galeria de artes, e que somente consegue observar as molduras dos quadros, sem jamais apreender as pinturas propriamente ditas (Loewenich, 1987, p.14).

O chamado “Lutero tardio”<sup>10</sup> conduz a teologia da cruz a uma dimensão eclesiológica. A cruz e sofrimento do Deus abscondito se torna praticamente uma nota característica da igreja, na qual a catolicidade (universalidade), apostolicidade e unicidade, se entrecruzam dialeticamente. Aqui, fazemos uma interação dialógica com as chamadas marcas ou notas características da igreja,<sup>11</sup> dando voz às chamadas sete marcas da igreja para Lutero, nas quais ele identifica as marcas e a existência de uma igreja verdadeiramente cristã. Segundo Ngien, Lutero menciona sete sinais por meio dos quais os cristãos podem discernir a presença da igreja verdadeira e oculta, sendo o sétimo e, mais fundamental, “A posse da Santa Cruz [...] a Santa igreja não é santificada por uma lasca de madeira, mas pela participação real na crucificação de Cristo” (Ngien, 2017, p. 107). Ele coloca seu sofrimento aos que o seguiam, onde o sofrimento é um dom da graça e é agradável a Deus.

Lutero indica o tema do sofrimento redentor, pois, para se entender a teologia da cruz, é necessário mergulhar em sua dimensão existencial. O sofrimento é, segundo Lutero (*Anfechtung*),<sup>12</sup> uma completude existencial, não é apenas um dado momento na vida do indivíduo ou uma simples tentação, o sofrimento é um horizonte de sentido no qual Deus se comunica com o ser humano. Sem essa completude, nenhum ser humano pode compreender as Escrituras, a fé, o temor ou amor a Deus. Ou seja, “[...] quem nunca sofreu não conhece o significado da esperança” (Baiton, 2017, p. 365).

O vazio implica em suspensão da certeza dos pés sobre uma base segura da razão humana. A cruz significa isso, estar sem o chão seguro da racionalidade justaposta pelas obras. A justiça perfeita de Deus, só é alcançada pela virtude da fé. Há, para Lutero, uma distinção de arbítrio e vontade. Arbítrio,

<sup>10</sup> Apesar de várias posições opostas deste título de ‘Velho Lutero’ ou ‘Lutero tardio’, não nos cabe aqui um aprofundamento dessas discussões, segue uma que achamos adequada: “O ‘velho Lutero’ é, em primeira linha, um conceito biográfico, que não raro adquire um caráter valorativo em razão de qualificações diferenciadas do conjunto da obra ou de parte da obra estruturada biograficamente” (Leppin; Schneider-Ludorff, 2021, p. 1114).

<sup>11</sup> Termo utilizado pelas igrejas Católica e Ortodoxa, para a definição da igreja, como norteadoras de um estudo eclesiológico.

<sup>12</sup> *Anfechtung* é a totalidade da dúvida, confusão, angústia, tremor, dores, desespero, desolação, desalento que invadem o espírito do ser humano. Quando se traduz por tentação perde-se o que Lutero queria nos transmitir. Para ele o fundamento último era ensinar um conceito teológico de uma grandeza de significados que a palavra tentação não é capaz de suportar (Baiton, 2017, p. 364-365).

em sentido soteriológico, é a ação divina que destina a pessoa humana ou para o livre arbítrio ou para o pecado escravizador. E a partir da graça divina, que concede às pessoas a liberdade ou a escravidão, transforma o querer humano em “vontade” do humano para seguir os mandamentos de Deus. Na distinção de que as obras boas não nos justificam perante Deus e, sim, a sua graça.

## Considerações finais

Do exposto, segue-se que para Lutero existem dois tipos de teólogos, o da cruz e o da glória, o das indulgências e o das práticas cotidianas de penitência, diferenciando-se um do outro por meio da cruz. Lutero discorda da teologia da glória da sua época, que busca moldar Deus conforme padrões humanos de glória e poder, permitindo que as ações humanas determinem as ações divinas. Na teologia da cruz exposta por Lutero, encontra-se o conceito marcante de que na cruz está oculto o Deus da misericórdia, esta teologia é um dos aspectos centrais da Reforma, apresentada inicialmente na Disputa de Heidelberg. A cruz é o lugar no qual opera o *Deus Absconditus*, em outras palavras, ela é o local autêntico do conhecimento humano de Deus, onde Ele se revela, embora paradoxalmente se oculte. Aquele que se mostra *sub contraria specie* (sob aspecto contrário, subcontrariedade) invertendo a lógica humana e a transformando em loucura. O reformador concebe as obras da carne como obras que podem ser apresentadas como caridade e, por isso, suscitar a arrogância diante de Deus. Assim sendo, é na cruz que a verdadeira penitência encontra seu lugar de interpretação, é na cruz que Deus se manifesta enquanto o elemento humano deseja ver sua manifestação apenas nos elementos gloriosos, milagrosos e portentosos, carregados de vanglória e estupidez, de insensatez e loucura.

Lutero, com sua teologia da cruz, propõe de maneira enfática a dimensão existencial da fé (Meira, 2021, p. 44). Lutero foi aquele teólogo que viu na coerência entre o racional, a fé e a exegese bíblica o vínculo razoável para se firmar enquanto sujeito em sua época. Isso significou que o aspecto existencial desempenha um aspecto predominante em sua teologia da cruz.

Conclui-se, com o presente texto, que o ser humano que sofre recebe da narrativa evangélica a mensagem de que em seu sofrimento o próprio Deus é solidário, sofrendo junto a ele, uma vez que se encarna e assume a forma humana se entregando aos cuidados de seres humanos imersos nos mais diversos dramas, tendo por fim o destino dos justos, paradigmaticamente emoldurados nas figuras dos profetas que, por se colocarem ao lado dos pequenos deste mundo, são martirizados. Essa pedagogia do sofrimento humano é concretizada na Mensagem da Cruz como uma forma de igualdade capaz de suscitar na comunidade humana a empatia algo que catalizador do cuidado mútuo.

## Referências

BAINTON, Roland H. *Lutero*. 2. ed. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1978; e LUTERO, 1987.

BAITON, Roland H. *Cativo à palavra: a vida de Martinho Lutero*. São Paulo: Vida Nova, 2017.

BRENZ, Johann. The New Schaff-Herzog Encyclopedia of Religious Knowledge, Vol. II: Basilica – Chambers. In: Christian Classics Ethereal Library. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20110604203413/http://www.ccel.org/ccel/schaff/encyco2.html?term=Brenz,%20Johann>>. Acesso em: 10 jan. 2024.

DICIONÁRIO DE LUTERO. São Leopoldo, RS: Sinodal, Faculdades EST, 2021.

DREHER, Martin N. *História do povo de Jesus: uma leitura Latinoamericana*. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2013.

DREHER, Martin N. O Debate de Heidelberg: Introdução. In: LUTERO, Martim. *Obras Seleccionadas*. v. 1, Os primórdios - Escritos de 1517 a 1519. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia; Canoas: Ulbra, 2004.

JANZ, Denis R. Whore or Handmaid? Luther and Aquinas on the function of reason in Theology. In: DRAGSETH, Jennifer Hockenbery (Org.). *The devil's whore: reason and philosophy in the Lutheran tradition*. Delhi: IA Books, 1989. p. 47-52.

LEPPIN, Volker; SCHNEIDER-LUDORFF, Gury. *Dicionário de Lutero*. Com a colaboração de Ingo Klizsche. São Leopoldo, RS: Editora Sinodal, 2021.

LINDBERG, Carter. *História da Reforma*. Rio de Janeiro, RJ: Thomas Nelson Brasil, 2017.

LIVRO DE CANTO DA IECLB. *Deus é Castelo Forte e bom*, Martim Lutero. Disponível em: <<https://www.luteranos.com.br/conteudo/deus-e-castelo-forte-e-bom>>. Acesso em: 24 jan. 2024.

LOEWENICH, Walther von. *A Teologia da Cruz de Lutero*. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1987.

LUTERO, Martim. *Obras Seleccionadas*. v. 4, Da Vontade Cativa (1525). São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1993.

LUTERO, Martim. *Obras Seleccionadas*. v. 1, Os primórdios - Escritos de 1517 a 1519. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia; Canoas: Ulbra, 2004.

LUTERO, Martim. *Obras Seleccionadas*. v. 8, Interpretação Bíblica, Princípios. São Leopoldo: Sinodal, Porto Alegre, RS: Concórdia, 2003.

MCGRATH, Alister E. *Lutero e a teologia da cruz: a ruptura teológica de Martinho Lutero*. São Paulo, SP: Cultura Cristã, 2014.

MCGRATH, Alister. *As origens intelectuais da Reforma*. São Paulo: Cultura Cristã, 2007.

MEIRA, Danjone Regina. Religião e cultura: um diálogo teológico sobre a Reforma protestante a partir de Martinho Lutero e Paul Tillich. *Revista Eletrônica Correlatio*, v. 20, n. 1, p. 44 Jun. 2021. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/COR/article/download/1036309/7888>>. Acesso em: 23 nov. 2023.

MELANCHTHON, Philipp. *Loci Theologici: tópicos teológicos, de 1521: edição crítica bilíngue, latim e português*. São Leopoldo, RS: Sinodal, Faculdades EST, 2018.

NGIEN, Dennis. *Lutero como conselheiro espiritual: a interface entre a teologia e a piedade nos escritos de Martinho Lutero*. São Paulo: Vida Nova, 2017.

PICH, Roberto Hofmeister. *O debate de Heidelberg e a teologia da cruz de Lutero*. São Leopoldo, 1991.

PRENTER, Regin. *Teologia da cruz de Lutero*. [s.l.: s.n], [1985]. p. 4.

SOUZA, Vitor Chaves de. Política de memória da Teologia da Cruz de Martinho Lutero: reflexões a partir da mimesis de Paul Ricoeur. *Revista Caminhando*, v. 17, n. 1, p. 135-145, jan./jun. 2012. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/Caminhando/article/viewFile/2953/3004>>. Acesso em: 17 out. 2023.

TERESA BENEDITA DA CRUZ Santa. *A ciência da cruz: estudos sobre São João da Cruz*. 8. ed. São Paulo, SP: Loyola, 2014.

TESSMANN, Mário Francisco. *O princípio metodológico 'Theologia Crucis': uma leitura da obra 'De Servo Arbitrio'*. São Leopoldo, 1988.

WATSON, Philip S. *Deixa Deus ser Deus: uma interpretação da teologia de Martinho Lutero*. Canoas: ULBRA, 2005.

---

RECEBIDO: 25/01/2024  
APROVADO: 18/03/2024

RECEIVED: 01/25/2024  
APPROVED: 03/18/2024